

“EU PEGO E ESTUDO PRA PROVA”: VERBO AUXILIAR?

Maria Alice Tavares (UFRN)

1. Introdução

Neste texto, tenho os seguintes objetivos: (i) apresentar diferentes propostas relativamente à classificação funcional da construção [PEGAR (E) V2], exemplificada de (1) a (6) a seguir; (ii) discutir o papel de *PEGAR* na construção sob enfoque: tratar-se-ia de um verbo auxiliar?

(1) De tanto que o cara decora aquilo ele já se começa sabendo. Só que eu não. **Eu pego e estudo** pra prova. Depois da prova eu já não sei mais nada. (Florianópolis, Informante R., de 15 a 21 anos)¹

(2) E todo mundo lá no ônibus xingando o motorista: “Seu motorista, vamos embora, vamos embora, vamos embora.” Não queria esperar. (...) Quando ela chegou lá, lá perto do ônibus, **o motorista pegou e foi embora**, deixou ela sozinha. E ela com a maior vergonha e todo mundo rindo da cara dela. (Rio de Janeiro, Informante F., de 15 a 21 anos)²

(3) No cinema, não via as letras, minha filha. E o povo ria, e eu ria. O povo ficava sério, e eu ficava séria. Eu só via a imagem. Aí **eu peguei e pedi** pro meu noivo trazer né? o- a fita de vídeo pra mim ver. (Natal, informante V., de mais de 23 anos)³

A construção [PEGAR (E) V2] é comumente empregada em gêneros de discurso típicos da modalidade oral da língua em registro informal, como conversas espontâneas e conversas telefônicas. Ela pode aparecer ainda em gêneros de discurso da modalidade escrita, mas, em geral, apenas nos gêneros marcados pelo registro informal, como textos de alunos no ensino fundamental, tirinhas, letras de música etc (cf. TAVARES, 2005). Vejamos alguns exemplos da construção em questão em textos escritos:

(4) **Os meninos pegam na hora da aula ficam bagunçando** e fazem das carteiras verdadeiras cadeiras de balanço. (Natal, Informante G., de 13 a 15 anos, 8ª série do ensino fundamental)⁴

(5) Susanita: Vamos brincar como eu falei! Sim ou não?

Três amigos: NÃO!

Susanita: Olha que **eu pego e vou embora**, hein?

Três amigos: **Pega e vai!**

Susanita: Digam sinceramente, não é esse meu magnetismo tão especial que incomoda vocês? (*Toda a Mafalda*, p. 275)⁵

(6) Seis da tarde como era de se esperar

Ela pega e me espera no portão

Diz que está muito louca pra beijar

E me beija com a boca de paixão. (Chico Buarque, *Atrás da Porta*, 1972)

¹ Dado de fala extraído do Banco de Dados do Projeto VARSUL (Variação Lingüística Urbana na Região Sul).

² Dado de fala extraído do *Corpus Discurso & Gramática* da cidade do Rio de Janeiro (cf. VOTRE; OLIVEIRA, 1995).

³ Dado de fala extraído do *Corpus Discurso & Gramática* da cidade do Natal (cf. CUNHA, 1998).

⁴ Dado de escrita extraído do *Corpus Discurso & Gramática* da cidade do Natal (cf. CUNHA, 1998).

⁵ Em (5), reproduzi as falas das personagens da tirinha, indicando, à frente de cada fala, o nome de quem a produziu.

2. Propostas de classificação da construção [PEGAR (E) V2] correntes na literatura

No quadro da literatura referente à língua portuguesa, destaco as propostas de Merlan (1999), Santos e Braga (2003), Dutra (2003), Bechara (2004), Rodrigues (2005) e Sigiliano (2007), e apresento minha proposta (como consta em Tavares, 2005).

2.1 Merlan (1999) e Santos e Braga (2003)

Merlan (1999) classifica construções do tipo *Pegar E V* como perífrases paratáticas de valor inceptivo. Nelas, segundo a autora, apenas o segundo verbo apresenta significado lexical, sendo o primeiro um aspectual que exprime o início imediato da ação concretizada pelo segundo. Merlan menciona ainda que, dependendo do contexto, essas construções revelam espanto, irritação ou lamento. Entre os exemplos fornecidos por Merlan, temos: *pegou e meteu o dedo na bengala; pegou em si e foi ao palácio.*

Com base em Merlan (1999), Santos e Braga (2003, p. 1-2) analisam, em uma abordagem semântica, a construção perifrástica “PEGAR E + ...” no português brasileiro falado no litoral nordeste de Santa Catarina e concluem que essa construção realiza-se comumente no pretérito perfeito do modo indicativo nas primeiras ou terceiras pessoas do singular; conserva autonomia estrutural tanto numa negação (o operador *não* atinge somente o verbo principal) como numa forma interrogativa (a interrogação recai sobre o segundo verbo); e funciona somente na totalidade, de forma indissolúvel: não é possível a inserção de elementos lingüísticos extras (por exemplo, uma sentença como “João pegou e Pedro saiu” é agramatical). Para os autores, a construção perifrástica em questão “[...] expressa o começo súbito (movimento brusco) de uma ação que será concretizada pelo verbo principal”, como em “Peguei e saí da sala.” e “João pegou e foi embora.”, casos em que as perífrases “[...] exprimem uma certa imediaticidade (um processo repentino) para efetuar a ação a ser materializada pelos verbos (sair/ir).”

2.2 Dutra (2003)

Segundo a classificação proposta por Dutra (2003), *PEGAR*, na construção [PEGAR (E) V2], é uma forma realçadora de eventos na seqüência narrativa. Um dos exemplos fornecidos pela autora é “E sopra sopra a a brasa na xícara / aí a xícara queimou. / Quase que começou a derreter/ e furar a xícara / Aí ele **pega joga** a brasa fora.” Consoante Dutra, nessa função, (i) *PEGAR* antecede o verbo propriamente dito, e é dele dependente, concordando com ele em tempo, modo, número e pessoa; (ii) o conectivo *E* pode ocorrer entre esses dois verbos; (iii) a função de *PEGAR* não é traduzir o movimento de um agente num espaço físico e sim o movimento de um fato para outro, salientando o evento a seguir como decorrente de outro(s) no desenrolar da narrativa. Nas palavras da autora:

[...] a forma “pega” em “Aí ele pega joga a brasa fora” indica algo como “em conseqüência do ocorrido anteriormente (isto é, de a brasa estar queimando a xícara) ele *então/a seguir* faz isso: joga a brasa fora”. Nesse sentido, formas como *pegar* funcionam como uma ponte que liga simultaneamente certos eventos anteriores a um determinado evento subsequente na narrativa. (p. 98)

2.3 Bechara (2004)

Bechara (2004, p. 207) apresenta a proposta de Coseriu para a interpretação do verbo românico no que diz respeito ao tempo e ao aspecto. Quanto à categoria *aspecto*, essa proposta traz as seguintes subcategorias: (1) nível de tempo; (2) perspectiva primária; (3)

perspectiva secundária; (4) duração; (5) repetição; (6) conclusão; (7) resultado; (8) visão; (9) fase. Bechara, com base em Coseriu, descreve a categoria aspectual denominada *visão*, “segundo a qual o falante pode considerar a ação verbal em seu todo ou parcialmente, em fragmentos, entre dois pontos de seu curso”. Dentro dessa categoria, há um subtipo denominado *visão global*, que “acentua o conjunto da ação”, tornando irrelevantes as fases de seu desenvolvimento. Bechara afirma que existem, na língua portuguesa, expressões para acentuar a visão global, quais sejam as perífrases aditivas com *tomar*, *pegar*, *agarrar*: *pego e escrevo*, *agarro e escrevo*, *tomo e escrevo*. O autor menciona ainda que essas perífrases, para acentuar a globalidade, acompanham-se de todas “as significações “enfáticas” do modo de falar, como “de fato”, “com efeito”, “rápido”, “inesperado”, “surpreendente”, “decidido”, “terminantemente”.

2.4 Rodrigues (2005)

De uma ótica funcionalista, Rodrigues (2005) aborda os verbos *PEGAR*, *CHEGAR* e *IR*, que se juntam a outros verbos com os quais formam construções que a autora agrupa sob o rótulo “construções foi fez”, ou CFFs. Em tais construções, de acordo com ela, esses verbos atuam de modo a dar destaque ao trecho discursivo em que estão inseridos, desempenhando a função discursivo-pragmática de dramatizar ou enfatizar os eventos codificados pelo segundo verbo. Ao mesmo tempo, os verbos em questão podem se relacionar a contextos envolvendo tomada de decisão, contrajunção e contraste entre figura e fundo. As CFFs são constituídas por uma seqüência mínima de V1 e V2, em que V1 e V2 compartilham sujeito e flexões modo-temporais e número-pessoais, e podem estar conectados pela conjunção *E* ou justapostos. As CFFs aparecem, segundo Rodrigues, na modalidade falada do português brasileiro. A análise levada a cabo pela autora trouxe os seguintes resultados principais:

- *PEGAR*, *CHEGAR* e *IR* passam por alterações sintáticas significativas, pois, como verbos plenos, os dois últimos possuem como complemento um circunstanciador locativo, e o primeiro possui como complemento um objeto direto. Todavia, nas CFFs, não possuem nenhum tipo de complemento.
- Não há presença de material interveniente além da conjunção *E* e do advérbio de negação.
- O sujeito precede V1 e é correferencial com o sujeito de V2 em todas as ocorrências. A ordem de frequência dos tipos de sujeito é, da maior para a menor: anáfora pronominal, anáfora zero, sintagma nominal pleno, sujeito oracional e oração sem sujeito; os dois últimos tipos têm recorrência muito baixa.
- Predomínio do tempo verbal pretérito perfeito, seguido do presente do indicativo. Rodrigues atribui a alta frequência de CFFs no pretérito perfeito ao contexto de narrativa em que essas construções comumente emergem.
- Embora haja casos de CFFs no modo subjuntivo, o indicativo é predominante.
- Na grande maioria das ocorrências, V2 é um verbo que expressa ação, caracterizado pelos traços [+ dinâmico] e [+ controle]. Os verbos de elocução destacam-se entre os verbos que mais aparecem na posição de V2.
- V1 nunca recebe negação; a partícula negativa é sempre adjacente a V2 e só se aplica a ele.

Rodrigues compara qualitativamente as CFFs e as construções com verbo auxiliar típicas do português (CVAs), e aponta as seguintes similaridades entre ambas: (i) possuem apenas um argumento sujeito; (ii) é impossível o desdobramento da oração em construções com conjunção integrante *que* ou *se*; (iii) o escopo do circunstante temporal toma a totalidade

da construção; (iv) não aceitam forma passiva; (v) o número de verbos que podem ocupar a posição V1 é restrito; (vi) não admitem pronominalização; (vii) o primeiro verbo sofre alterações de significado. A autora aponta também as seguintes diferenças entre as CFFs e as CVAs: (i) nestas, V1 é responsável por toda informação gramatical relacionada com o predicado, como marcadores flexionais de pessoa, número, tempo/aspecto/modalidade e negação; naquelas, ambos os verbos, V1 e V2, apresentam marcadores flexionais de pessoa, número, tempo/aspecto/modo e apenas V2 pode receber negação; (ii) nas CVAs, o verbo principal é normalmente uma forma nominal, ao passo que, nas CFFs, V1 e V2 compartilham flexão. Por conta dessas diferenças, Rodrigues propõe que construções as CFFs sejam tratadas como uma classe distinta das CVAs.

2.5 Sigiliano (2007)

Sigiliano (2007, p. 736), no âmbito de uma abordagem sócio-funcional-cognitivista, defende que o verbo *PEGAR*, em estruturas do tipo “PEGAR (E) (X) (E)” atua como *space builder*, isto é, como “uma expressão gramatical que fornece um substrato para a abertura de um novo espaço mental ou mudança de foco para um espaço mental existente.” Os significados mais e menos concretos do verbo em questão, para Sigiliano, são polissemicos, e essa polissemia é baseada nas relações metafóricas existentes entre eles, e, estas, por sua vez, são fundamentadas “na necessidade humana de reduzir eventos abstratos para uma escala física tangível.” Ou seja, todas as estruturas das quais *PEGAR* faz parte possuem em comum, segundo essa proposta, um espaço básico concreto, do qual as estruturas de significado abstrato são derivadas.

De acordo com Sigiliano, há dois tipos em especial de estruturas em que *PEGAR* é utilizado para a construção de espaços de natureza abstrata: uma em que o verbo, atuando como construtor de espaço-mental, introduz uma cena de agentividade prototípica, em que um agente humano age sobre um paciente (cf. (16)); e outra em que *PEGAR* atua como construtor de espaço no âmbito do discurso reportado (cf. (17)). A autora ressalta que, seja no uso como construtor de cenas de agentividade, seja no uso ligado ao discurso reportado, deve-se considerar:

O caráter polissemico de sua rede de significados, alguns dos quais tornaram-se cristalizados pelo uso, sem deixar, porém, de manter relações semânticas com os significados mais básicos do verbo em seu uso pleno. (*op. cit.*, 2007, p. 737)

(7) Naquele dia eu nem fui de carro porque eu digo: “bom, vou fazer economia de gasolina”. Peguei e fui de carro até o lado de lá da serra e parei. Deixei o carro lá. (PEUL/UFRJ – Informante 03)

(8) Mas ele não viu que era uma menina, né, eu ri, mas ri sem graça. Aí ele pegou ele me perguntou, aí eu expliquei pra ele que queria um menino homem. (PEUL/UFRJ – Informante 06)

2.6 Tavares (2005)

Em um texto anterior, Tavares (2005), apresentei uma proposta para a categorização funcional do verbo *PEGAR* na construção [PEGAR (E) V2]. É sobre essa proposta que discorro a seguir.

Tavares (2005) descarta a possibilidade de considerar que o verbo *PEGAR*, na construção em questão, seja um codificador de aspecto inceptivo, um subtipo do aspecto imperfectivo, o qual é caracterizado como referindo-se à estrutura temporal interna de um evento, centrando o foco fora da terminação e da delimitação. O aspecto inceptivo traz

indicações acerca do início de algum evento (ação, processo, estado) e, especificamente no caso do verbo *PEGAR*, segundo Merlan (1999), teríamos um aspectual que exprime o início imediato da ação concretizada pelo segundo verbo, isto é, um verbo que codifica não apenas a fase inicial de uma ação, mas também o fato de esse início ter-se dado de modo instantâneo. Ou seja, em contraste com alguns verbos codificadores de aspecto inceptivo que se referem ao momento inicial de uma ação de um modo mais neutro, como em *João começou a falar* e *João passou a falar*, *PEGAR* seria empregado para referir o início repentino de uma ação. Outros aspectuais, dependendo do contexto de uso, podem fazer semelhante referência, como em *João princípios a falar* e *João desandou a falar*.

A razão do descarte da possibilidade de que *PEGAR*, na construção [PEGAR (E) V2], indique aspecto inceptivo é que, em nenhuma das ocorrências analisadas por Tavares (2005), há focalização apenas nos momentos iniciais de um evento. Em todos os casos, o evento é codificado como um todo indivisível, pontual, isto é, sem um destaque especial para uma de suas etapas – propriedades típicas do aspecto perfectivo. Esse todo é que é apresentado, pelo falante, como tendo ocorrido de modo súbito, inesperado.

Ou seja, a proposta de Tavares (2005) alinha-se à proposta de Bechara (2004), defendendo que a construção [PEGAR (E) V2] indique aspecto global. Como já mencionado, Bechara (2004), com base em Coseriu, afirma que verbos como *PEGAR*, em perífrases do tipo *pego e escrevo*, acentuam uma visão global do evento. Segundo o autor, o aspecto global é responsável por expressar a totalidade de um evento, tornando irrelevantes suas fases de desenvolvimento, e apresenta, em seus contextos de uso, significações como “rápido”, “inesperado”, “surpreendente”, “decidido”.

Para Tavares (2005), *PEGAR*, na construção [PEGAR (E) V2], codifica linguisticamente matizes de significado ligados a contextos de interação em que tipicamente ocorre a manifestação do aspecto global, disparando indicações semântico-pragmáticas relacionadas ao plano do pontual, e/ou do repentino e/ou do surpreendente. É por expressar esse tipo de indicação que esse verbo pode ser considerado realçador ou enfatizador do evento codificado por V2, propostas de classificação lançadas por Dutra (2003) e Rodrigues (2005), respectivamente.

Segundo Tavares, o aspecto global, por apresentar o evento denotado por um segundo verbo como súbito, inesperado, pontual, relaciona-se, como um subtipo, ao aspecto perfectivo, o qual é caracterizado como temporalmente delimitado, compacto, de fronteiras nítidas, com forte associação com o passado. Um aspectualizador global como *PEGAR*, ao codificar nuances semântico-pragmáticas ligadas ao caráter pontual, repentino, inesperado de um evento, acrescenta traços de perfectividade ao verbo principal da construção [PEGAR (E) V2] ou então os intensifica, no caso de V2 já os manifestar através de seu significado lexical – *Aktionsart* – e/ou de marcas morfológicas de aspecto perfectivo que porta (no caso do português brasileiro, as marcas indicadoras de pretérito perfeito do indicativo, por exemplo).

O emprego do verbo *PEGAR* como aspectualizador global, além de fornecer indicações acerca do caráter súbito, veloz, pontual, do evento denotado por V2, pode permitir a inferência de que o falante percebe a ocorrência desse evento com surpresa/espanto, frustração/lamento ou mesmo irritação/crítica. Além disso, como mostra Tavares (2005), em certos contextos, é possível observar que o falante sinaliza, através do uso desse verbo, que há uma tomada de iniciativa por parte do participante agente (no papel sintático de sujeito da construção [PEGAR (E) V2]) para concretizar o evento em causa. Ou seja, o agente toma a iniciativa (em geral súbita) de fazer algo e imediatamente o faz, sendo essa informação codificada, através da construção [PEGAR (E) V2], em um bloco único, o que ressalta o caráter global do evento.

A esse respeito, aponto que Borba (2002), em seu *Dicionário de usos do português do Brasil*, lista ‘tomar iniciativa’ entre os significados do verbo *PEGAR*, apresentando os

seguintes exemplos: “mãe pegou e deu uma surra no garoto”, “Vê uma placa assim: “não cuspa no chão”, brasileiro pega e cospe na placa”.

Enfim, segundo minha proposta, *PEGAR*, na construção [PEGAR (E) V2], revela como o falante percebe e apresenta ao ouvinte circunstâncias ligadas à realização do evento referido por V2, ressaltando um leque de nuances semântico-pragmáticas como o caráter pontual, repentino, instantâneo ou até brusco desse evento, e/ou a tomada de iniciativa (em geral súbita) do agente, e/ou avaliações subjetivas que vão da surpresa à frustração. Essas nuances sobrepõem-se em graus variados a cada ocorrência. E, a princípio, podem ser vinculadas ao aspecto global.

3. A questão da auxiliaridade verbal

Não é ainda claro se o estatuto gramatical de *PEGAR* na construção [PEGAR (E) V2] é de verbo auxiliar, pois ele não apresenta algumas das características tidas como prototípicas da auxiliarização verbal em português. Em português, a perífrase ou locução verbal prototípica é formada por um verbo flexionado, o auxiliar, acrescido de outro verbo em uma das formas nominais (particípio, gerúndio ou infinitivo), o principal. Entre esses verbos há tal coesão interna que eles funcionam como um verbo simples, constituindo um único sintagma verbal, uma única predicação. Os verbos auxiliares são assim denominados por não expressarem a principal relação referencial denotada pela oração, que é expressada pelo verbo principal. Através da gramaticalização, os verbos auxiliares perdem traços de seu conteúdo lexical, e passam a codificar significados gramaticais, como tempo, aspecto, modo, voz.

Têm sido propostos testes para a identificação de verbos auxiliares em português. Por exemplo, Longo e Campos (2002) sugerem: (i) impossibilidade de desdobramento da oração (como os verbos auxiliares formam com o verbo principal um composto indissociável, se for possível desmembrar uma construção em dois núcleos oracionais, não teremos auxiliaridade); (ii) existência de sujeito único (a perífrase forma um complexo unitário, com apenas um argumento externo, cujos traços semânticos e papel temático devem ser compatíveis com o verbo principal); (iii) determinação (o auxiliar deixa de atribuir papéis semânticos ou temáticos a elementos nominais com os quais combina quando é verbo lexical). Castilho (2002) propõe o seguinte teste: escopo da negação (se o operador negativo *NÃO* toma por escopo os dois verbos, o primeiro é um auxiliar, e o conjunto é uma perífrase).

Na construção [PEGAR (E) V2], *PEGAR* pode ser considerado, a princípio, um auxiliar, pelas seguintes razões: a oração não pode ser desdobrada, já que *PEGAR* não funciona por si só (**Lúcia pegou. Lúcia pulou do muro.*);⁶ há apenas um sujeito, selecionado por V2 (**João pegou e Lúcia pulou do muro.*); *PEGAR* deixa de selecionar não somente o argumento externo, mas também os internos (objetos, locativos). Todavia, [PEGAR (E) V2] manifesta comportamento idiossincrático quanto à negação. Na perífrase verbal prototípica, o operador negativo *NÃO* precede o verbo auxiliar e mantém os verbos do composto sob seu escopo: *não vou fazer, não posso fazer, não tenho feito, não havia feito, não estarei fazendo*, etc. Já em [PEGAR (E) V2], o operador precede o verbo principal (V2), sobre o qual incide. Uma pequena amostra provinda do *Corpus D&G/Natal* apresentou apenas um dado com negação: *Aí ele pegou e não foi embora*, cuja interpretação é *surpreendentemente ele tomou a iniciativa de não ir embora*.⁷ De qualquer forma, embora o comportamento de [PEGAR (E) V2] quanto à negação fuja do padrão prototípico das perífrases no português, também não manifesta o comportamento encontrado nas orações coordenadas, em que se pode negar ou apenas o primeiro ou apenas o segundo verbo (isto é, uma oração coordenada pode conter um

⁶ O símbolo * identifica uma construção como agramatical no português.

⁷ Foi feita uma análise preliminar de dados considerando-se uma pequena amostra do *corpus* D&G/Natal, composta por 30 ocorrências da construção [PEGAR (E) V2].

verbo afirmativo e um negativo ou vice-versa) ou ainda ambos os verbos. Em [PEGAR (E) V2], a princípio, não é possível negar *PEGAR*, apenas V2 (**Lúcia não pegou e pulou do muro*). Temos, portanto, características peculiares que devem ser investigadas com base em um maior número de dados.⁸

Outro problema para a definição de *PEGAR* como verbo auxiliar em [PEGAR (E) V2] é que, prototipicamente, no português, entre verbos auxiliares e principais pode haver uma preposição (*de, a, para, etc*), mas não a conjunção *E*. Além disso, diferente do que comumente ocorre com as perífrases no português, em [PEGAR (E) V2], o segundo verbo não é nominal.

Contudo, vários pesquisadores consideram o primeiro verbo em construções do tipo [V1 (E) V2] como auxiliar. Por exemplo, Anderson (2006) afirma que, em algumas línguas, o que era originalmente uma construção conjuntiva (isto é, duas orações ligadas por uma conjunção) gramaticalizou-se em uma construção fixa, em que o primeiro verbo passou a servir como auxiliar. Por sua vez, Kuteva (2000) analisa como perífrase verbal composta por *verbo auxiliar V1 + a conjunção E + verbo principal V2* o caso da estrutura em que V1 é um verbo de postura (por exemplo, *SENTAR*) e possui significado aspectual, indicando aspecto continuativo, durativo, progressivo. Segundo a autora, essa construção é comum em línguas como o norueguês, o dinamarquês e o sueco. Vejamos um exemplo do sueco:

(9) Han sitter och laser.
He sit.3SG.PRES and read.
Ele senta.3SG.PRES e lê.
“He is reading.”
“Ele está lendo.”

Stefanowitsch (1999) também considera como auxiliar o primeiro verbo da construção *GO-and-Verb*, e denomina o segundo verbo dessa construção *verbo principal*, pois ele transmite a maior parte da informação semântica da construção.

No quesito fundamental de perda de traços lexicais, [PEGAR (E) V2] se comporta como uma perífrase verbal típica, pois *PEGAR* sofreu esvaziamento semântico, deixando de denotar significados lexicais (envolvendo deslocamento físico) para assumir uma função gramatical como auxiliar codificador de aspecto. Nesse processo, tornou-se dependente do verbo principal, ocorrendo contíguo a ele e concordando com ele em tempo, aspecto, modo, número e pessoa. Para Payne (1997), se uma língua possui, em um sintagma verbal, um elemento que exhibe ao menos alguma das informações flexionais típicas de verbos mas que é distinto do verbo que expressa o conteúdo lexical principal da oração, então esse elemento pode ser considerado um auxiliar.

Como decorrência da perda de traços lexicais, é possível que o fenômeno da recursividade se manifeste, isto é, o verbo auxiliar pode ser adjungido a um verbo principal idêntico, o que é indício de que os usuários da língua não entendem esses verbos como sinônimos: o auxiliar se esvaziou tanto semanticamente, que expressa apenas valor gramatical. Na pequena amostra do *corpus* D&G/Natal averiguada até o momento, não encontrei casos de recursividade, mas Dutra (2003) traz alguns exemplares, como o transcrito

⁸ Talvez seja possível negar V1 se o que se pretende é afirmar que o evento reportado não foi repentino e/ou surpreendente (isto é, caso se pretenda negar o caráter global do evento): *Lúcia não pegou e falou, João é que pediu que ela falasse*. No entanto, como apenas um dado envolvendo a negação na construção [PEGAR (E) V2] foi encontrado até o momento (*Aí ele pegou e não foi embora*), ainda não constatei, em dados de uso real, a possibilidade de ocorrência de negação do caráter global de um evento.

em (10).⁹ Temos, portanto, mais um indício de que *PEGAR*, na perífrase [PEGAR (E) V2], pode ser tomado como verbo auxiliar.

(10) O menino parou olhou ele voltou, deu o chapéu pro menino. Aí enquanto ele tava voltando pra... entregar o chapéu, o menino pegou e pegou três pêra na cestinha, (HAN) e... ele deu o chapéu e o menino deu as perinha. (HUM HUM) (p. 96)

4. Considerações finais

Há necessidade premente de realização de uma investigação aprofundada envolvendo o fenômeno lingüístico alvo deste texto, a indicação gramatical de aspecto global através da perífrase [PEGAR (E) V2]. Como se pode perceber pela síntese feita na seção 2, nos estudos feitos sobre o tema com base em dados de língua portuguesa, salta à vista a dificuldade que os pesquisadores têm de definir qual é exatamente a função de verbos como *PEGAR* na perífrase em questão. Em decorrência, diversas propostas de classificação têm sido apresentadas. Como o fenômeno sob enfoque é de grande frequência na fala cotidiana dos brasileiros e dados são encontrados com recorrência inclusive nos meios de comunicação de massa, especialmente em contextos orais e escritos caracterizados por maior informalidade (cf. TAVARES, 2008), é imprescindível sua análise mais atenta: urge que saibamos definir de que se trata afinal esses usos.

Na continuidade do estudo da construção [PEGAR (E) V2], espero fornecer importantes subsídios para essa definição, reforçando minha proposta inicial de que se trata de uma perífrase cuja função é a indicação de aspecto global, ou apontando outra(s) possibilidade(s) de classificação. Uma vez que também existe dificuldade de categorização de perífrases similares em outras línguas, como o inglês, pretendo contribuir para a descrição tipológica desse fenômeno lingüístico tão complexo, enriquecendo o conhecimento sobre seu comportamento em termos inter-lingüísticos, inclusive no que diz respeito a seu papel de verbo auxiliar.

5. Referências

- ANDERSON, G. D. S. *Auxiliary verb constructions*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- BORBA, F. S. *Dicionário de usos do português do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.
- CASTILHO, A. T. Aspecto verbal no português falado. In: ABAURRE, M. B.; RODRIGUES, A. C. S. (Orgs). *Gramática do português falado*. v. VIII. Campinas, São Paulo: UNICAMP, 2002. p. 445-477.
- CUNHA, M. A. F (Org). *Corpus Discurso & Gramática: a língua falada e escrita na cidade do Natal*. Natal: EDUFRRN, 1998.
- DUTRA, R. *O falante gramático: introdução à prática de estudo e ensino do português*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2003.
- KUTEVA, T. *Auxiliation*. Oxford: Clarendon Press, 2000.
- LONGO, B. de O.; CAMPOS, O. de S. A auxiliaridade: perífrases de tempo e aspecto no português falado. In: ABAURRE, M. B.; RODRIGUES, A. C. S. (Orgs). *Gramática do português falado*. v. VIII. Campinas, São Paulo: UNICAMP, 2002. p.445-477.
- MERLAN, A. Sobre as chamadas perífrases verbais paratáticas do tipo PEGAR E + V2 nas línguas românicas. *Línguas e Literaturas XVI*, Faculdade de Letras, Porto, 1999. p.159-205.

⁹ Lembro, porém, que Dutra (2003) considera que a função de perífrases do tipo abordado aqui é realçar eventos na seqüência narrativa.

PAYNE, T. *Describing morphosyntax*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

QUINO [LAVADO, J. S.] *Toda a Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

RODRIGUES, A. T. C. As construções do tipo *foi fez*. 2005. Impresso.

SANTOS, S. L.; BRAGA, S. Construção perifrástica “PEGAR E + ...”. 2003. Impresso.

SIGILIANO, N. S. “Peguei e fui de carro” – a sintaticização das construções com *pegar* como introdutoras de espaços mentais de agentividade. In: SILVA, T. C.; MELLO, H. (Orgs). *Caderno de resumos do V Congresso Internacional da Associação Brasileira de Lingüística*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2007.

STEFANOWITSCH, A. The *GO-AND-VERB* construction in a cross-linguistic perspective: image-schemablending and the construal of events. In: NORDQUIST, D.; BERKENFIELD, C. (Eds). *Proceedings of the Second Annual High Desert Linguistics Society Conference*. Albuquerque, NM: High Desert Linguistics Society, 1999.

TAVARES, M. A. Perífrases [V1 (E) V2] em gêneros escritos: propostas para um ensino de gramática baseado no texto. *Linguagem e ensino*, v. 11, n. 2. 2008. No prelo.

_____. Gramaticalização: o caso da indicação de aspecto global através da construção [VI auxiliar (*PEGAR, CHEGAR, IR*, etc) (E) + V2 principal]. Projeto de pesquisa. 2005b. Impresso.